

Ana Margarida Oliveira

Curiosidades^{da} História^{de} Portugal

Intrigas, Segredos e Mitos



verso de kapa

Título: Curiosidades da História de Portugal

Autora: Ana Margarida Oliveira

Editoras: Maria João Mergulhão

Maria da Graça Dimas

Revisão técnica: Paulo Dias

Revisão linguística: Marta Cancela

Capa: DesignGlow.com

Paginação: José Teixeira

Impressão e acabamentos: Europress, Lda

1.ª Edição, Lisboa, outubro de 2017

ISBN: 978-989-8816-69-6

Depósito Legal N.º 431024/17

© 2017, Verso da Kapa e Ana Margarida Oliveira

Verso da Kapa • Edição de Livros, Lda.

Av.ª 24 de Julho

Mercado da Ribeira

Second Home Lisboa – 1.º andar

1200-479 Lisboa

info@versodakapa.pt

www.versodakapa.pt

*A todas as bisbilhoteiras e a todos os bisbilhoteiros,
coscuvilheiras e coscuvilheiros, fofoqueiras e fofoqueiros,
quadrilheiras e quadrilheiros, lingüareiras e lingüareiros,
mexeriqueiras e mexeriqueiros, e curiosas e curiosos.*

ÍNDICE

Introdução	15
1. Reis e rainhas em números e médias	17
• Os reis e os números	17
• As rainhas e os números	19
• Outros números reais	21
2. Coincidências, mitos e «inspirações»	23
• Ourique, uma batalha e um bairro com muita fama	23
• Um cruel mito que envolveu D. Fernando	24
• A rainha feia	25
• A escola naval que nunca existiu	26
• Poças de água miraculosas	28
• A verdadeira ilha dos amores	29
• Polónia mais doce	29
• Porque foi D. Sebastião o «desejado»?	30
• Vários Sebastões	31
• A maldição dos Bragança	33
• O processo de mumificação dos reis	34
• T, a letra que se bebe	35
• Um dote pago a prestações	37
• Os piolhos e as tendências	38
• Papel de carta envenenado	39
• Os piolhos e os turbantes	40
• Maria-vai-com-as-outras	42
• A bebida que a rainha inventou e é «rainha» no Brasil	42
• D. Maria II e uma prima especial	44

3. Excessos, caprichos e extravagâncias	45
• As digressões dos reis	45
• A arca-burra e a mania de viajar	47
• O rei que caprichava a castigar e se pelava por matar	47
• O primeiro rei a cortar a barba	49
• O «camelo» de estimação de D. João	49
• Um prémio excessivo e o mau feitio de Nuno Álvares Pereira	50
• As mãos e a comida	51
• O rei que deu trabalho depois de morto	52
• Requentes de malvadez	52
• A execução pública de uma imagem	53
• Caldas da Rainha e as joias da soberana	54
• Caminho marítimo para a Índia, um mar de sangue	55
• Um elefante fugido pelas ruas de Lisboa	57
• Portugal deixou Roma de boca aberta	57
• Os incríveis números da fogueira da Inquisição	59
• O rei que abria túmulos	60
• As tentativas de procriação de um cardeal	61
• O povo da Terceira largou touros às tropas espanholas	63
• O rei estroina	63
• A festa que durou dois meses	65
• Um convento bem caprichado	66
• O significado dos sinais no rosto	69
• Festas gigantescas	70
• O que levou o rei a querer viver fora do palácio	72
• Quantias loucas enviadas para Jerusalém	73
• Os excessos de Salvaterra de Magos	74
• Porque é que se chamam «móveis», se estão parados?	76
• A corte fugiu	77
• Os sapatos de D. Carlota Joaquina	79
• Uma grande paixão e a moda dos <i>chalets</i> suíço-alemães	79

• D. Maria Pia e o vício das compras	80
• O primeiro elevador em Portugal e o primeiro par de patins	81
• D. Carlos e suas extravagâncias	82
• O rei que hipotecou a casa	83

4. À mesa: preceitos, hábitos e refeições 85

• Púcaros de barro para beber água, mais uma mania	86
• Por que se chama «copo-d'água» à festa dos casamentos?	86
• O doce alentejano que vem do Oriente	87
• Capoeira, porque a vaca faz mal	88
• O excesso de gemas e os doces dos conventos	89
• Gosto pela acidez na Idade Média	90
• A moda dos alimentos com cor	91
• Comer à mão	92
• De onde vem o hábito de usar prato?	92
• Porque é que o garfo, a faca e a colher se chamam «talher»?	93
• Copos usados por vários convivas na mesma refeição	94
• A primeira cozinheira mulher	94
• O almoço era o jantar	95
• Quando se tomava chá?	96
• A origem do pequeno-almoço	96
• Reis separados, até à mesa	97
• As «comidas públicas»	98
• Os convidados reais e a «doença dos pés doridos»	98
• O profissional dos envenenamentos	99
• O «exército» que trabalhava na cozinha	100
• O <i>nécessaire</i> e Napoleão	100
• Manteiga, azeite e banha: as gorduras tentadoras	101
• Chávenas de chá para quem tinha bigodes	102
• O açúcar que adoçou a vida aos ingleses	103
• A «neve» que chegava a Lisboa e para que servia	104

• Como se transportava «neve» até à corte	104
• Da «neve» aos sorvetes	105
• De onde vem a palavra sorvete	106
• O apreço dos reis pela canja de galinha	106
• A revolução do «serviço à russa»	107
• O fornecedor mais fiel da Casa Real é hoje uma empresa de sucesso	108
• Os <i>pickles</i> são de origem portuguesa	109
• O sucesso da batata e a indiferença ao peru	109
• Os nomes dos temperos	110
• Muita costa, pouco peixe à mesa real	110

5. Tratamentos, curas e remédios 111

• As incríveis curas para todos os males	111
• Maleitas e vícios de D. João V	112
• A loucura de D. Maria I e os tratamentos aplicados	113
• Como iam os reis a banhos, nas termas	115
• Sanguessuga, a bicha curandeira	115
• Quando finalmente chegou o clorofórmio	116
• A «terrível operação» que matou D. Maria II	117
• Novos remédios, o mesmo insucesso	117
• Tratamentos com chá, café e chocolate	118
• Um remédio chamado limão	118
• Os medicamentos à base de açúcar	119
• Uma receita chamada «caldo de víbora»	119
• Algumas das mortes mais estranhas dos reis portugueses	120

6. Leis, impostos, proibições e castigos 121

• As osas e a questão da virgindade	121
• Os reis pagavam pelo corpo da futura rainha	123
• Os dotes que enriqueciam uns e depenavam outros	123

• Outras incríveis leis lavradas pelos reis portugueses	124
• O rei que vetou casamentos	125
• O rei que obrigou à assinatura de documentos	125
• O rei que determinou o que se podia comer e beber	125
• O rei que proibiu os advogados	126
• O rei que ordenou a guarda de documentos na torre mais alta da cidade	127
• O rei que puniu o adultério	128
• O rei que não dividiu os bens da Coroa	128
• O rei que ganhava com quem roubava	129
• O rei que interditou a roupa de seda	129
• O rei que não queria luxos	130
• O rei que castigou os alfaiates	130
• O rei e os impostos sobre a palha e o vinho	131
• Leis guiadas pelo ciúme	132
• Duas leis imaculadas	132
• A absurda lei dos vestidos	133
• A questão do beija-mão real	133

7. Intrigas, conspirações e conluios 135

• O trono roubado e a rainha raptada	136
• A rainha que matou a própria irmã	137
• O rei que arrebatou a coroa ao irmão e lhe roubou a mulher	139

8. Casamentos, separações e outras opções 143

• Ter amantes, um princípio indiscutível	144
• Onde foram os reis buscar as noivas	144
• Casamentos não consumados	145
• Rainhas imaturas	146
• Primeiro festejo matrimonial	147
• A primeira noite era do domínio público	148

• Três grandes amores reais que correram mal	148
• O rei que tudo perdeu	149
• A lenda da Dama Pé de Cabra	150
• O descarado rei bígamo	151
• A rainha «rabuda»	152
• D. Pedro, D. Inês e a paixão pelo escudeiro	153
• Amante, rainha e de novo amante	154
• O rei que ficou com a mulher do primo e com a noiva do filho	156
• A madrasta do rei	157
• O infante que morreu por excesso de amor	158
• Uma moura encantada e o gosto por homens	159
• Amantes de todo o género e uma bruxa-feiticeira	160
• O rei rico em ouro e farto em mulheres	162
• A amante que conduziu a família à morte	163
• Dois relacionamentos extraconjugais escandalosos	164
• A rainha e as loucuras nos seus aposentos	166
• O rei que teve mais de trinta filhos	168
• Os três casamentos da rainha de Portugal	169
• O amor que chocou o país	170
• O rei que amava sem medo	171
• Sangue real italiano	172
• O rei amante, eternamente amante	172
• Uma rainha com ou sem amantes?	173
• Um estranho grande amor	174

9. Curiosidades na época dos Descobrimentos Portugueses 175

• O balde que a todos servia	175
• Um orgulho em ser «tripeiro»	176
• Zarolho ou de olhos verdes?	177
• O navegador que ficou com o apelido da sua mulher	177
• Quando tudo vale para cultivar a terra	178

• Os dois primeiros bebés nascidos na Madeira	179
• O nome de Porto Santo	179
• Um navegador casamenteiro e o genro Colombo	180
• A coelha grávida que arrasou Porto Santo	180
• A Madeira, uma espécie de estação de serviço	181
• O feitiço dos Açores	181
• Quais são os nomes originais das ilhas dos Açores?	182
• Os primeiros habitantes dos Açores	182
• O primeiro ser humano nascido nos Açores	183
• O que tem a Holanda em comum com os Açores, sem ser o mar?	183
• De onde vem o nome Horta, capital da ilha do Faial?	184
• Angra, outra estação de serviço, no alto mar	185
• Porque é a gastronomia da ilha Terceira bastante condimentada?	186
• Um estranho vento chamado «carpinteiro»	187
• Os profissionais da apneia à caça dos tesouros no fundo do mar	188
• A chegada secreta ao Canadá	188
• Um castelo português prefabricado, em África	190
• O navegador que julgou chegar onde não chegou	190
• Mulheres proibidas de embarcar	191
• Negócios «mudos» e a primeira compra a crédito	193
• Conchas do mar que valiam como dinheiro	193
• Santos que protegiam e serviam de moeda de troca	194
• O Brasil parecia uma ilha e o Rio de Janeiro um estuário	194
• Pindorama, o paraíso na terra	195
• Brasil, não obrigada!	196
• Armar um arraial	197
• O que é um «pão de açúcar»?	197
• Brasil, sim, por favor!	198
• O português que deu um grito ao pé do rio Ipiranga	199
• Quem são os «brasileiros» no Porto?	200
• O português que descobriu a origem da canela	200

• Um tesouro há 506 anos no fundo do mar	201
• A fortaleza portuguesa no Irão	201
• O que era a «porcelana»?	202
• Quem eram os «mandarins» chineses?	202
• Um acaso chamado Japão	203
• Um estranho objeto nas mãos dos japoneses	203
• Nagasáki, uma cidade quase portuguesa	204
• Estranhezas no Japão	205

10. Mais curiosidades e outras histórias 207

• O que quer dizer <i>Portucale</i> ?	207
• O rei que mudou de nome	208
• Santo António e as guerras	208
• O primeiro rei cavaleiro	209
• O Papa português	210
• «Namorados» na guerra	210
• Reis portugueses sem coroa	211
• Um rei e as dificuldades da amamentação	212
• Passarola Voadora	214
• O grande diamante de Portugal	215
• As gaiolas anti-sísmicas do Marquês de Pombal	215
• O rei fóbico	216
• O rei e as camas	217
• O rei com o coração num lado e o corpo noutro	217
• A rainha que dormia virada para Portugal	218
• O rei que trouxe a árvore de Natal para Portugal	219
• O rei e os retratos	219
• O primeiro jogo oficial de futebol	219
• Os polícias quadrilheiros	220
• Ilda Puga e a República Portuguesa	221
• Fim da espreitadela	222

Introdução

Se houvesse *facebook*, e demais redes sociais, durante todos os séculos da nossa História, este livro não faria sentido nenhum.

Muitas histórias da História de Portugal ficaram esquecidas, escondidas, longe dos olhares e afastadas dos manuais claramente pela falta de *social media*, ao longo dos 900 anos de vida deste país.

Juntei aqui algumas delas, sem pretensão, naturalmente, de as esgotar.

No fundo, é o «cara-livro» da Idade Média, do Renascimento, do Barroco e do Romantismo, dos reis, das rainhas, dos infantes, dos estroinas, dos loucos, dos conspiradores e daqueles que achavam que as suas histórias não vinham a público! Mas vieram e aqui estão por ordem cronológica dentro de cada capítulo.

Gozem as intrigas, os segredos e as curiosidades dos que presumiram fazer tudo pela calada!

Vamos espreitar a História!

1

Reis e rainhas em números e médias



A monarquia portuguesa sentou no trono reis muito novos, viu soberanos ultrapassarem largamente a esperança de vida, para a época, e registou reinados tão longos quanto muito curtos. A nossa coroa teve muito mais rainhas estrangeiras do que portuguesas, algumas foram mães de mais do que um rei e umas quantas soberanas nunca estiveram no país que governavam. Vamos conhecer os reis e rainhas de Portugal em números.



Os reis e os números

Foram 35 os reis que governaram Portugal em cerca de 800 anos de monarquia. Há quem conte apenas 34, uma vez que D. António, Prior do Crato, foi aclamado rei, mas nunca foi coroado.

Um dos reis de Portugal (D. João I, mestre de Avis) foi um filho bastardo, nascido do relacionamento não oficial entre D. Pedro I e D. Teresa Lourenço, uma dama galega.

Dos 34 reis governantes, 26 foram-no por sucessão direta, como indicava a lei, mas oito subiram ao trono de outras formas: D. Afonso III sucedeu ao irmão, D. Sancho II, depois de lhe ter retirado o governo do reino por intermédio de uma guerra civil; D. João I foi aclamado pelas cortes de Coimbra de 1385 após a morte de D. Fernando, em 1383; D. Manuel I sucedeu ao primo D. João II, cujo único filho legítimo tinha já falecido, por testamento; o cardeal-rei D. Henrique sucedeu ao sobrinho-neto D. Sebastião, falecido sem herdeiros; D. Filipe I conquistou militarmente Portugal antes de ser aclamado como rei em cortes; D. João IV usurpou o trono português aos Filipes ao ser aclamado rei em 1640; D. Pedro II retirou o poder ao irmão, D. Afonso VI, prendeu-o e sucedeu-lhe no trono quando aquele faleceu sem filhos; D. Miguel quebrou o acordo estabelecido com o irmão, D. Pedro IV, para governar Portugal conjuntamente com a esposa e sobrinha, D. Maria II, apoderando-se assim do trono.

Três reis não contraíram matrimónio (D. Sebastião, D. Henrique e D. António) e 22 casaram-se com uma única mulher. Os restantes celebraram mais do que um casamento, encabeçando o topo da lista D. Filipe I, com quatro matrimónios, e D. Manuel I, com três.

Seis reis foram Afonso e outros seis foram João, seguidos de cinco Pedros (um destes Pedros, D. Pedro III, não foi rei por direito próprio, mas antes rei consorte da rainha D. Maria I), três Filipes, dois Manueis e dois Sanchos. Com direito a maior originalidade na escolha do nome registam-se um Dinis, um Duarte, um Sebastião, um Henrique, um António, um José, um Miguel, um Luís e um Carlos.



As rainhas e os números

Houve mais rainhas do que reis. São 42 as rainhas de Portugal. Duas foram rainhas reinantes, D. Maria I e D. Maria II, sendo as restantes rainhas consortes.

Em bom rigor, porém, cinco não chegaram a ser rainhas, pois faleceram antes de os seus maridos subirem ao trono, ainda que usufruam desse estatuto nos manuais e livros de História:

- D. Constança Manuel (1.^a mulher de D. Pedro I)
- D. Inês de Castro (2.^a mulher de D. Pedro I)
- D. Maria de Portugal (1.^a mulher de D. Filipe I)
- D. Maria Tudor (2.^a mulher de D. Filipe I e rainha de Inglaterra)
- D. Isabel de Valois (3.^a mulher de D. Filipe I. Quando este rei se tornou soberano de Portugal, estava casado com a 4.^a mulher, D. Ana da Áustria, que morreu dois meses depois de o marido ter tomado o trono português)

Quatro rainhas casaram-se quando os maridos já não eram reis:

- D. Maria Ana da Áustria (2.^a mulher de D. Filipe III)
- D. Amélia da Baviera (2.^a mulher de D. Pedro IV, que abdicou da coroa de Portugal para se tornar Imperador do Brasil)
- D. Adelaide de Löwenstein-Wertheim-Rosenberg, que casou com D. Miguel quando este fora já exilado do País, após a vitória dos liberais na guerra civil (1832–34)
- D. Augusta Vitória de Hohenzollern-Sigmaringen, mulher de D. Manuel II, último rei de Portugal, que casou em 1913, quando o marido se encontrava no exílio, após a Implantação da República.

Uma rainha terá sido coroada depois de morta, ainda que sem confirmação: D. Inês de Castro, segunda mulher de D. Pedro I. Terão casado em segredo, segundo alguns autores, embora sem documentação que o comprove.

Onze rainhas de Portugal nunca estiveram no país de que eram soberanas:

- D. Matilde de Bolonha (1.^a mulher de D. Afonso III, casou com Afonso quando este se encontrava fora de Portugal e o rei era ainda o seu irmão D. Sancho II)
- Nenhuma das mulheres dos três Filipes de Espanha, que ocuparam o trono português entre 1580 e 1640, se deslocaram a Portugal:
- D. Ana da Áustria (4.^a mulher de D. Filipe I)
- D. Margarida da Áustria (mulher de D. Filipe II)
- D. Isabel de Bourbon (1.^a mulher de D. Filipe III)
- D. Maria Ana da Áustria (2.^a mulher de D. Filipe III)
- D. Leopoldina da Áustria (1.^a mulher de D. Pedro IV, nunca esteve em Portugal continental. Casou quando este vivia no Brasil e viajou diretamente do seu país para o Rio de Janeiro)
- D. Adelaide de Löwenstein-Wertheim-Rosenberg (mulher de D. Miguel, casou na Alemanha depois deste ser exilado de Portugal)
- D. Augusta Vitória de Hohenzollern-Sigmaringen (mulher de D. Manuel II, casou na Alemanha depois da implantação da República)

Quatro rainhas portuguesas foram mães, cada uma delas, de dois reis: D. Urraca teve dois filhos monarcas (D. Sancho II e D. Afonso III), D. Luísa de Gusmão sentou no trono dois dos seus filhos (D. Afonso VI e D. Pedro II), D. Carlota Joaquina foi igualmente mãe de dois reis (D. Miguel e D. Pedro IV) e D. Maria II teve também dois filhos soberanos (D. Pedro V e D. Luís).

Uma rainha foi-o duas vezes, D. Maria Francisca de Saboia, pois contraiu matrimónio com dois reis que eram também irmãos um do outro, D. Afonso VI e D. Pedro II.

Uma foi rainha de Portugal e a seguir foi rainha de França, D. Leonor, 3.^a mulher de D. Manuel I, casou-se, já viúva do monarca português, com Francisco I, rei de França, de quem foi a 2.^a mulher.

Outros números reais

Apenas quatro monarcas ultrapassaram os 70 anos de idade: D. Afonso Henriques (76), D. João I (75), D. Filipe I (71) e D. Maria I (81). Os reis que faleceram com menos idade, ambos aos 24 anos, foram D. Sebastião e D. Pedro V.

Só dez dos nossos reis foram filhos primogénitos. Os restantes 25 subiram ao trono por morte dos irmãos mais velhos ou outros familiares que os antecederam na linha de sucessão.

A maioria dos monarcas nasceu em Lisboa, especificamente 17:
– D. Afonso IV, D. João I, D. João II, D. João III, D. Sebastião, D. Henrique, D. António, D. Afonso VI, D. Pedro II, D. João V, D. José, D. Maria I, D. João VI, D. Pedro V, D. Luís, D. Carlos e D. Manuel II.

A cidade de Coimbra viu nascer seis reis: D. Sancho I, D. Afonso II, D. Sancho II, D. Afonso III, D. Pedro I e D. Fernando.

Em Queluz nasceram dois monarcas, D. Pedro IV e D. Miguel, e em Valladolid outros dois, D. Filipe I e D. Filipe III.

Com apenas um nascimento régio, aparecem os seguintes locais:

Santarém (D. Dinis), Viseu (D. Duarte), Sintra (D. Afonso V), Alcochete (D. Manuel I), Vila Viçosa (D. João IV), Rio de Janeiro (D. Maria II) e Madrid (D. Filipe II).

Quanto ao primeiro rei de Portugal, D. Afonso Henriques, são várias as opiniões sobre o verdadeiro local do seu nascimento, Viseu, Coimbra ou Guimarães, tendendo as opiniões dos historiadores para esta última cidade.

Dos 32 reis que se casaram, dois não consumaram o casamento (D. Afonso VI e D. Pedro V). O monarca que casou mais tarde foi D. Afonso Henriques, aos 37 anos, e o mais novo a casar-se tinha dez anos e foi D. Filipe III.

Seis reis não tiveram descendência (D. Sancho II, D. Sebastião, D. Henrique, D. Afonso VI, D. Pedro V e D. Manuel II).

Dos 28 reis casados e férteis nasceram cerca de 200 filhos, entre legítimos e bastardos, número impossível de se definir com exatidão devido à falta de registos de todos os ilegítimos e dos nados-mortos, nem sempre contabilizados. Quanto ao número de filhos legítimos, o leque vai de um até 13.

D. Manuel I teve 13 filhos dos seus três casamentos. D. Filipe III teve 12 filhos das suas duas uniões e D. Maria II teve 11 filhos de um único marido.

A maioria dos reis portugueses mantinha amantes, no seio da corte ou fora dela, de quem nasciam filhos bastardos, não se conhecendo atividade extraconjugal a apenas dez. Os monarcas mais famosos pela quantidade de amantes e filhos ilegítimos são D. Pedro II, D. João V e D. Pedro IV.

A rainha consorte de cujos casos adúlteros mais se fala é D. Carlota Joaquina, mulher de D. João VI, conjeturando-se que alguns dos filhos que deu à luz não seriam do rei, seu marido, que a todos, no entanto, reconheceu e tratou como seus, como mais à frente veremos.

O reinado mais longo pertenceu a D. João I, que reinou 48 anos. D. Afonso Henriques exerceu funções de governante durante 57 anos, 45 dos quais com o título de rei. O reinado mais curto foi o de D. Pedro IV, de apenas alguns meses, pois cedo abdicou da coroa em favor da filha, D. Maria II.

2

Coincidências, mitos e «inspirações»



Se a História assentou em muitas decisões planeadas e sentenças estratégicas, também se fez de outras tantas coincidências meramente casuais que não deixaram de influenciar o rumo dos acontecimentos e de a levar, por vezes, a desfechos inesperados. Por outro lado, existem casos que a História tomou como verdadeiros e que, aos dias de hoje, por falta de documentação ou por incoerência de dados, são vistos como mitos, podendo não o ser também... A verdade é que a História de Portugal foi inspirada por alguns acasos e meias-histórias.



Ourique, uma batalha e um bairro com muita fama

A batalha de Ourique, travada em 1139, é considerada por muitos autores real e decisiva para a constituição do reino e autoaclamação do primeiro rei de Portugal mas é, segundo outros, apenas um mito.

Mítica ou verdadeira, é em homenagem a esta batalha que o Bairro de Campo de Ourique, em Lisboa, deve o seu nome.

Desde logo, a data precisa da batalha suscita dúvidas porque ocorreu a 25 de julho, dia de São Tiago, o santo protetor da Península Ibérica, conhecido também como «mata-mouros». É uma grande coincidência ter ocorrido um combate, que se acredita ter sido travado e vencido contra cinco reis mouros, precisamente neste dia específico.

Quanto aos locais, surgem igualmente diversas hipóteses: Ourique, no Baixo Alentejo; Vila Chã de Ourique, no Ribatejo; e Ourique, perto de Leiria. Entre os vários historiadores, existem fortes argumentos em defesa de cada um destes lugares, como campo da famosa batalha.

A «introdução» do milagre de Ourique, que narra a aparição de Cristo na Cruz a D. Afonso Henriques, antes do início da batalha, aparece muito depois da data em que a mesma terá ocorrido. É apenas no século XV que uma crónica associa o milagre ao grande combate de Ourique, altura em que era necessário um novo fôlego patriótico que exaltasse os valores de nação eleita, portadora de uma certa aura messiânica. Assim o exigia a crise de 1383–85.



Um cruel mito que envolveu D. Fernando

Em 1383, quando D. Fernando e D. Leonor Teles casavam a sua única filha, D. Beatriz, com D. João I de Castela, a rainha estava de novo visivelmente grávida. Os comentários na corte cedo se começaram a ouvir dada a impossibilidade de a criança ser do rei, seu marido. D. Fernando há muito que se encontrava gravemente doente e fragilizado e sem qualquer contacto íntimo com a mulher.

Esta, por sua vez, envolvera-se com o amante, o Conde Andeiro, à vista de todos, o que levou à rápida conclusão de que o bebé, que estava para nascer, seria do Conde Andeiro e não de D. Fernando. Certo é que cerca de quatro meses após a festa dos esponsais de D. Beatriz, Leonor Teles deu à luz uma criança que morreu passados uns dias.

Segundo se conta, foi D. Fernando que, ensandecido pelo des-pudor descarado da mulher, matou o bastardo, sufocando-o no regaço da ama. No mês seguinte, em outubro de 1383, morria o próprio rei, em estado de debilitação extrema, envenenado lentamente durante anos, ao que se julga, pela própria mulher, D. Leonor Teles.



A rainha feia

Em julho de 1386, a aristocrata inglesa D. Filipa (de *Lancaster*) embarcou, em Plymouth, em direção ao seu casamento com o rei de Portugal, D. João I, Mestre de Avis. Aportou na Corunha, de onde seguiu para Santiago de Compostela e, em outubro desse ano, foi finalmente recebida no mosteiro de Celanova. Dali rumou ao Paço Episcopal do Porto, onde apenas em novembro se deu o primeiro encontro com o futuro marido. Aqui, trocaram presentes e separaram-se depois. Seguiram-se três meses de longa espera, sozinha e fechada nesta cidade, até ao esperado matrimónio.

O Mestre de Avis ficou tão dececionado, segundo algumas fontes, com as feições malparecidas da noiva que precisou de tempo para aceitar esta desilusão, preparando-se psicologicamente para o enlace.

Vieram a casar, na catedral do Porto, no dia 2 de fevereiro de 1387.

Feia ou não, D. Filipa de Lencastre deu oito filhos ao rei e revelou-se uma mãe exímia. A ela se deve também a introdução, na corte portuguesa, de alguns hábitos organizativos próprios da cultura inglesa, bem como de outras normas de etiqueta então desconhecidas em Portugal.



A escola naval que nunca existiu

A partir das crónicas de Gomes Eanes de Zurara (ou Azurara), conhecemos, pela interpretação de vários historiadores, toda uma efabulação de um infante a quem, naturalmente, não se retira o mérito do valioso incentivo e financiamento dos primeiros anos da expansão marítima portuguesa. Através destas leituras, parece atribuir-se ao infante D. Henrique uma espécie de academia que formava navegadores e estudava a ciência náutica. A verdade é que quer a escola quer o perfil do infante foram fabricados, com renovado impulso, à época do Estado Novo.

Sagres era e é um promontório ermo e imponente, ventoso, com condições naturais adversas à prática náutica, onde seria impossível manter embarcações. As naus e caravelas, que partiam e chegavam ao Algarve, aportavam e zarpavam em Lagos e não em Sagres.

Era o conhecimento empírico dos marinheiros que se usava nas navegações, que seguiam por tentativa e erro. O infante rodeou-se de homens que lhe eram leais e de marinheiros experimentados que, ano após ano, aprenderam no terreno os ventos e as marés da costa ocidental africana. É a isto que se chama a

«escola de Sagres», mas jamais a uma academia instituída onde, de forma organizada e em local físico específico, se partilhassem e ensinassem esses conhecimentos. Soube ainda o Infante reunir junto de si, ao longo dos anos, vários grupos de jovens que protegia e de quem se servia para as aventuras marítimas, todavia nunca numa academia naval.

A historiografia apresenta-nos também um Infante D. Henrique ambicioso, usando por vezes métodos menos ortodoxos para atingir os seus interesses.

Teve vários corsários ao seu serviço, que mais não eram do que piratas contratados que atacavam e pilhavam as embarções muçulmanas oriundas do Norte de África e do reino de Granada. Naturalmente que esta atividade corsária enriquecia o Infante ao mesmo tempo que afetava a navegação dos inimigos de Portugal.

De navegador o Infante também teve pouco. Sabe-se que acompanhou o pai, D. João I, na conquista de Ceuta, em 1415, considerado por alguns historidores o marco do início da expansão portuguesa para fora da Europa, onde foi, conseguida a vitória, armado cavaleiro em conjunto com os seus irmãos. Participou enquanto comandante do exército português na derrota de Tânger e embarcou uma terceira vez, rumo ao norte de África, já muito veterano, acompanhando o seu sobrinho, o rei D. Afonso V, para a conquista de Alcácer Ceguer (1458).

Foi ainda por sua responsabilidade que o irmão D. Fernando se manteve nas masmorras de Fez, na sequência da derrota de Tânger, em 1437, onde veio a morrer. D. Henrique exerceu a pressão que pôde junto do rei, o seu outro irmão, D. Duarte, a fim de este não entregar a portuguesa cidade de Ceuta em troca da liberdade de D. Fernando, o Infante Santo. A situação só se resolveu em 1443, ano da morte de D. Fernando.



Poças de água miraculosas

A rainha D. Leonor, prima direita e mulher de D. João II (reinado 1481–1495), viu, certo dia, durante uma viagem que fazia entre Óbidos e a Batalha, que junto daquela primeira aldeia, um grupo de pessoas andrajosas, com ar doente, se banhava nuns grandes charcos de água. Despertou-lhe isto ainda mais a atenção pois reparou que, se alguns se mergulhavam por completo nas águas, outros apenas molhavam algumas partes do corpo.

D. Leonor perguntou a razão dos estranhos comportamentos e foi informada de que aquelas eram águas milagrosas que curavam maleitas ou melhoravam certos estados de doença. Percebeu ainda, na ocasião, que esta prática se fazia desde tempos imemoriais, ao longo de gerações, pois as gentes da zona sentiam alívio nos banhos completos ou parciais e faziam-no repetidas vezes até se recomporem. Muitas nunca melhoravam, mas viviam na esperança de que, com a frequência dos banhos, a cura aparecesse.

Neste dia, decidiu a rainha fundar, ali mesmo, um hospital para receber e tratar os doentes pobres das imediações, onde pudessem ser abrigados, alimentados e banhados nas águas milagrosas, que saíam de nascentes a uma temperatura mais quente do que a normal e que, por esta razão, se chamavam «caldas» (quentes). O hospital foi edificado às custas de D. Leonor e o local recebeu, em honra da benevolente soberana, o nome de Caldas da Rainha.



A verdadeira ilha dos amores

Ao cabo de largas semanas de negociações infrutíferas, Vasco da Gama e a sua armada zarparam de Calecute, a 29 de agosto de 1498, de regresso rumo a Lisboa.

Os ventos conduziram-nos à ilha de Angediva (cerca de 90 km a sul de Goa), onde aportaram. Aqui, ao encontrarem mulheres nativas, não resistiram a deleitar-se com elas, dando e recebendo tudo aquilo a que tinham direito.

Esta experiência amorosa inspirou o episódio da «Ilha dos Amores», no canto IX de «Os Lusíadas», em que Luís de Camões narra o envolvimento carnal entre os navegadores portugueses e seres femininos semidivinos, residentes na mítica ilha, conferindo aos valentes nautas, desta forma, a imortalização. Segundo a lei da mitologia greco-latina, todo aquele que mantivesse relações carnavais com deuses ou semideuses ascendia à eternização.

O nome Angediva deriva da deusa local Ajadurga Devi.

A ilha, atualmente desabitada, une-se ao continente indiano (cerca de 2 km ao largo da costa de Canacona) através de um quebra-mar e pertence a uma base naval da União Indiana.



Polónia mais doce

Damião de Góis (1502–1574) foi o português mais conhecido no meio intelectual e cultural do século XVI. Ávido de conhecimento, percorreu toda a Europa, num tempo em que as viagens eram lentas e perigosas, procurando novos saberes e partilhando também os seus.

Nestas viagens, veio a ser amigo pessoal de Erasmo, em Roterdão, e privou com Lutero, na Alemanha, entre inúmeros outros relacionamentos de intenso debate cultural.

Damião de Góis foi também um dos muitos portugueses responsáveis pela propagação de produtos que os Descobrimentos traziam, então, até Portugal. Em certa viagem, quando se encontrava em Cracóvia, percorrendo o Báltico, Damião de Góis deu a provar açúcar pela primeira vez aos polacos, que o desconheciam por completo.

As amizades com Erasmo e Lutero acabaram por valer-lhe a condenação a prisão perpétua pelo Santo Ofício. Todavia, a contribuição para tornar a vida dos polacos mais doce, dando-lhes a conhecer em primeira mão o açúcar, a ele se deve.



Porque foi D. Sebastião o «desejado»?

O cognome «O Desejado», atribuído a D. Sebastião, deve-se ao desejo de o ver nascer e não ao desejo de o ver voltar, numa manhã de nevoeiro, contrariamente ao que muitos pensam, regressado da Batalha de Alcácer-Quibir.

D. Sebastião sucedeu ao avô, o rei D. João III, que assistiu à morte de todos os seus filhos, com a esperança concentrada na sua nora, D. Joana de Áustria, para dar descendência à dinastia.

O pai de D. Sebastião, o príncipe D. João, morreu com 16 anos de idade, deixando grávida a também jovem mulher. A desejada criança nasceu poucos dias após o falecimento do pai e a mãe, D. Joana, partiu para Castela, ficando o bebé, com menos de quatro meses, ao cuidado da avó, D. Catarina de Áustria, mulher de D. João III.